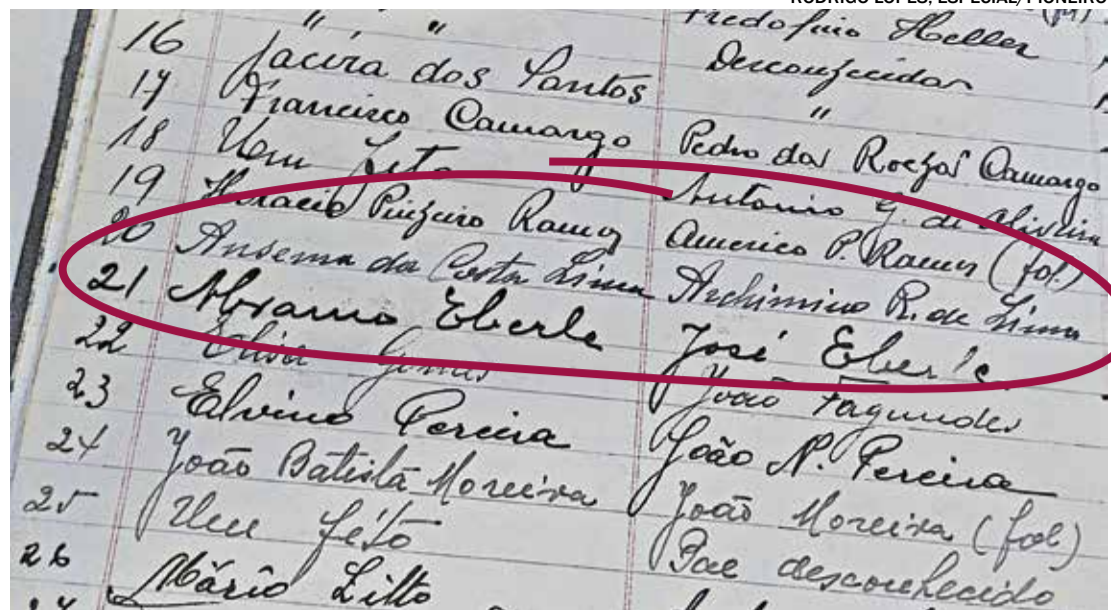


tada sem o necessário atestado da causa mortis”. Logo na sequência, a matéria questionava: “Por que teriam os médicos se negado a atestar a causa da morte da operária Anoema? Quais as providências da Companhia Seguradora?” Depois de recontar a explosão de um ano e meio antes, o terceiro parágrafo do texto trazia informações mais objetivas: “... a infeliz operária foi sepultada graças à ordem expedida pelo sr. Delegado de Polícia, que, ao tomar conhecimento de que determinado médico ou o Posto de Higiene local, de quem fora solicitado o indispensável óbito, negaram-se a fornecê-lo. Até mesmo a Companhia Seguradora providência alguma tomou. Será que a referida companhia desinteressou-se da sorte de sua segurada, julgando extinta sua responsabilidade e pagando apenas mil e poucos cruzeiros do acidente propriamente dito? Voltaremos ao caso”. Dito e feito.

Anoema da Costa Lima retornou às páginas de O Momento quando o pai resolveu trazer a público “a odisséia de uma operária”, título estampado na primeira página da edição de 3 de fevereiro de 1945. Funcionário da antiga Estação Experimental de Caxias do Sul, seu Archemimo buscou a imprensa para denunciar a falta de assistência médica dispensada à filha. Conforme o relato, após mais de um mês internada no Hospital Pompéia, quando esteve sob os cuidados do médico Gastão Festugato, Anoema “recebeu alta” e foi mandada para casa. A gravidade dos ferimentos, porém, obrigava-a a visitar o consultório de Festugato quase que diariamente para fazer os curativos. Pouco tempo depois, no entanto, Festugato “por qualquer motivo, resolveu desinteressar-se pela sorte da doente, apesar do desvelo com que a tratou desde o início, chegando mesmo a operá-la em ambos os antebraços, extraindo os estilhaços de ferro e aço”, relatou o pai.

Anoema da Costa Lima deu sequência ao tratamento no Hospital São Francisco, em Porto Alegre, a mando da companhia seguradora. Ficou internada de 2 de novembro a 22 de dezembro de 1943, sem obter melhora alguma. De volta a Caxias, passou mais dois meses sob a assistência do médico José Brugger. O pai também resumiu esse dramático período no jornal: “Findo este tempo, o doutor Brugger declarou-me que era tal a quantidade de estilhaços disseminados pelo corpo de minha filha que nem mesmo intervenções cirúrgicas a poderiam salvar. Por isso, desistiu de continuar tratando-a”.

Anoema da Costa Lima e a família testemunharam, a partir daí, uma série de episódios grotescos durante a busca por tratamento. Um deles teve como protagonista o senhor Angelo Costamilan, agente local da Companhia de Seguros Protetora, de Porto Alegre, responsável pelo atendimento às vítimas. Em março de 1944, conforme relato do jornal, o pai da jovem recorreu novamente a Costami-



Livro de registro de sepultamentos de 1945 traz Anoema seguida de Abramo Eberle

lan devido ao estado de saúde de Anoema. “Queixava-se ela de dores atrozes na cabeça, em consequência de um estilhaço que fundamente lhe penetrara no aparelho auditivo direito. Desta feita, o senhor Costamilan gracejou comigo e com a própria doente dizendo: o remédio é cortar a cabeça fora”.

Anoema da Costa Lima também foi vítima de outro mal: o preconceito. Em reportagem datada de 17 de fevereiro de 1945, o mesmo semanário aludia a um possível caso de racismo com os “não italianos” da cidade, visto que Archemimo era natural de São Francisco de Paula: “Entregue aos cuidados materiais da Companhia que a seguiu contra acidentes, representada, aliás, por entes que um dia formaram as fileiras verdes do sigma (referência ao uniforme do movimento Ação Integralista Brasileira, de cunho fascista), portanto de mentalidade racista e totalitária, era natural que essa ‘brasileirinha’ fosse tratada com menosprezo e ironias”.

Anoema da Costa Lima faleceu em casa no dia 14 de janeiro de 1945, há exatos 73 anos. Após a família receber da seguradora míseros Cr\$ 740,00 e a orientação de que a jovem deveria “procurar trabalho, pois não havia mais o que fazer”, Anoema passou a ser tratada na chácara da família, a base de remédios caseiros. Nos últimos meses de vida, recebeu a visita do médico José Bruno Gonçalves, “que, num esforço constante, tudo fez para minorar-lhe os sofrimentos. Vendo-se vencido, desistiu. Em outubro do ano passado (1944), visitou-nos pela última vez”, relatou o pai no jornal. Ao final do depoimento, Archemimo despede-se: “Em face da opinião desse dedicado profissional, de que o mal não tinha cura, eu, minha mulher e demais filhos entregamos o caso nas mãos da Divina Providência. Até que às 2h da tarde do dia 14 de janeiro, Anoema entregava sua alma a Deus, confortada pelos Santos Sacramentos da Igreja, que lhe foram ministrados pelo Revmo. Padre Franzoi”.

Anoema da Costa Lima divide o antigo livro de registro de sepultamentos do Cemitério Público Municipal não apenas com “anônimos” como ela. Naquele lon-

güquo 14 de janeiro de 1945, os corpos de apenas duas pessoas deram entrada na necrópole municipal: o de uma mulher, operária, carente de assistência médica, enterrada sem atestado de óbito em uma cova simples no chão; e o de um homem, empresário de sucesso, talvez o mais rico e influente do século 20 em Caxias, sepultado com discurso, entre bronzes e mármore italianos. Anoema da Costa Lima e Abramo Eberle, um nome seguido do outro na folha de número 6 do catálogo 1944-1953, exemplificam à perfeição as ironias do destino. Até na hora da morte.

Anoema da Costa Lima, hoje, é apenas um nome aleatório em uma placa de mármore enegrecida na sepultura 1129 da fila 10-A, para onde seus restos mortais foram transladados. Divide o jazigo com o irmão, Anoyr, a mãe, Maria Rita da Costa Lima, o pai, Archemimo Ribeiro de Lima (1889-1972), e uma tia de criação, Maria Doralina da Costa (1928-1946). Os sobrenomes, aliás, provocam uma certa confusão. À época da confecção, o pai suprimiu o “Costa” e manteve apenas a inicial “R”, de Ribeiro. Daí a lápide trazer as denominações equivocadas “Anoemia R. de Lima (1926-1945)”, “Anoir R. de Lima (1922-1947)” e Maria Rita Ribeiro (falecida em 1949). Lá também está sepultada a segunda esposa de Archemimo, dona Aracy Maria do Amaral de Lima (1938-2015), ainda sem a fotografia e as letras de identificação. Foto de Anoema? Nenhuma.

Anoema da Costa Lima tem sua trajetória revista de forma bastante fragmentada. Assim como as companheiras que “tomaram como soldados pela Pátria” em 1943, ela também foi negligenciada e esquecida. Em uma cidade que enaltece um passado de lutas e glórias, heróis masculinos, sobrenomes de vulto, suores, labores e brasões, “apagar” pessoas comuns, principalmente mulheres, também é tradição.

Anoema da Costa Lima abre todos os parágrafos deste texto propositalmente. Para ninguém mais esquecer de seu nome e sua história.

[rodrigolopes33@gmail.com](mailto:rodrigolopes33@gmail.com)

O autor

Rodrigo Lopes é jornalista e pesquisador do Memorial Gazola - Museu da Metalurgia de Caxias do Sul.